

**“Você só vai me perguntar o peso e com quem transo?” Diálogos entre alimentação, saúde, gênero e sexualidade: aproximações metodológicas**

***“Will you only ask my weight and with whom I fuck?” Dialogues between food, health, gender, and sexuality: methodological approaches***

Ramiro Fernandez Unsain

Doutor em Ciências da Saúde - USP

Pós-doutorando da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP

ramirofunsain@yahoo.co.uk

Mariana Dimitrov Ulian

Doutora em Saúde Pública - USP

Pós-doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP

mari\_dimi@hotmail.com

Priscila de Moraes Sato

Doutora em Ciências Saúde - USP

Pós-doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP

pri.sato@gmail.com

Fernanda Sabatini

Mestra em Nutrição em Saúde Pública - USP

Doutoranda em Nutrição em Saúde Pública - USP.

fer.tini@hotmail.com

Mayara Sanay da Silva Oliveira

Doutora em Nutrição em Saúde Pública - USP

mayarasanay@gmail.com

Fernanda Baeza Scagliusi

Doutora em Educação Física - USP

Professora da Universidade de São Paulo - USP

fernanda.scagliusi@gmail.com

**Resumo:** *A partir da prática de uma metodologia que considera uma abordagem qualitativa e incorpora técnicas quantitativas, procuramos analisar criticamente a aplicabilidade desta aproximação para entender os significados que os sujeitos gays autodenominados “ursos” atribuem à relação entre às práticas alimentares, à sexualidade homoerótica e às masculinidades e suas possíveis consequências na própria saúde. Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico do tipo exploratório-descritiva-explicativa com o que denominamos como uma abordagem híbrida. Os dados foram construídos a partir de entrevistas de histórias de vida e semiestruturadas. Acrescentamos técnicas quantitativas para completar um corpus significativo e congruente com os objetivos propostos. A avaliação da aplicabilidade da aproximação metodológica apresentada se deu a partir de uma análise crítica dos materiais recolhidos. Uma abordagem híbrida mostrou-se adequada para descrever e explicar as características e os sentidos significativos desta população. A aplicação e utilização de metodologias e técnicas em diálogo crítico pode ser útil para obter uma maior riqueza descritiva/explicativa.*

**Palavras-chave:** Gênero; sexualidade; saúde; alimentação; metodologia.

**Abstract:** *Based on the practice of a methodology that considers a qualitative approach and incorporates quantitative techniques, we seek to critically analyze the applicability of this methodological approach to understand the meanings that gay men, self-named “bears”, attribute to the relationship between eating practices, homoerotic sexuality, and masculinities, and their possible health consequences. We carry out ethnographic-oriented, exploratory-descriptive qualitative research with, what we denominated, a hybrid approach. The data were built with life histories and semi-structured interviews. We added quantitative techniques to complete a corpus of meaningful data congruent with the proposed objectives. The evaluation of the applicability of the methodological approach presented was based on a critical analysis of the materials collected. A hybrid approach proved adequate to describe and explain the characteristics and significant meanings of this population. The application and use of methodologies and techniques within a critical approach can achieve a greater descriptive/explanatory richness.*

**Key-words:** Gender; sexuality; health; eating; methodology

## Introdução

Segundo pesquisas feitas nos Estados Unidos da América do Norte, as comunidades homoafetivas autodenominadas “ursos” apresentam uma série de especificidades que as distinguem de outros coletivos gays. Para Wright (1997), um “homossexual urso” pode ser e representar uma simples atitude, uma imagem de si mesmo projetada aos outros, um ícone gay ou todas essas construções interagindo em concordância. Entretanto, duas de suas características se destacam prontamente: barriga protuberante e pelos abundantes no corpo tentando, por meio desse corpo, apresentar uma figura masculina. Nesse sentido, o urso estabelece uma identidade contrastante com outras sexualidades ao contestar os aspectos estético-éticos de diversas, e outras, comunidades homoafetivas. É importante destacar que, embora um corpo gordo/corpulento seja uma das características possíveis deste coletivo, a comunidade ursina encontra variadas formas de expressões corporais e atitudinais que podem ser adscritas ao grupo. Desde o renomado, e inaugural, artigo publicado em 1979 por Mazzei na revista *The Advocate*, já se identificam subcategorias de ursos tanto nos Estados Unidos e, mais tarde, no Brasil. Publicadas nesse meio, aparecem as subcategorias de “Big Bear”, “Chubbie Bear” ou “Big Chubbie” (um urso “grande, geralmente acima do peso), “Filhote” ou “Cub” (urso mais novo, sem barba ou com barba por completar; e/ou aquele que está ingressando

no meio ursino), “Urso Polar” ou “Polar Bear” (urso mais velho, que tem pelos e cabelos brancos ou grisalhos); “Black Bear” (homem de pele negra que tem todas as características de um urso), “Koala Bear” (urso com o cabelo e pelos corporais louros), “Otter” ou “Lontra” (um homem peludo e/ou barbado, mas que não se encaixa no perfil de urso por ser alto e magro), e o “Chaser” (geralmente homens gays ou bissexuais sem pelos que não se encaixam nas características ursinas nem se definem quanto ursos, mas que só se relacionam e se interessam por ursos), entre outras possibilidades. A partir das várias pesquisas sobre os ursos tanto no exterior como no Brasil (RIOS, 2018; DE MEY, 1997; DOMINGOS, 2010; GUTIERREZ MARMOLEJO, 2004; LIARTE TILOCA, 2014; MANLEY, LEVITT; MOSHER MCOUN, 2008; McCANN, 2004; SAEZ, 2003; SURESHA, 2002; SANTOS e COELHO DE SOUZA LAGO, 2013) se suscita um panorama sobre este coletivo que abre a porta de novas pesquisas e questões.

Na nossa pesquisa buscamos, em um longo percurso de investigação, aquelas vozes que descrevem e explicam, sob uma perspectiva *ênica*, a relação entre as dimensões da sexualidade, do gênero, da alimentação e da saúde nesse coletivo. Sabemos que as práticas alimentares não estão isoladas dos seus próprios contextos: estabelecem-se em relação às dimensões de tempo, doença, saúde, afeto, cuidado, economia e socialização, entre outras; e articulam-se em rede. Um urso, os ursos, como todo sujeito ou coletivo inserido/s na sociedade, atravessa/m diferentes tipos de processos sociais, relacionados à alimentação, com consequências nos processos de saúde-doença-cuidado. Considerar, e problematizar articuladamente todas essas dimensões exige um percurso metodológico complexo, dinâmico e rigoroso. Doravante, analisar esse próprio percurso pode ser importante para o avanço desse campo científico interdisciplinar.

Nosso objetivo, então, é analisar criticamente, a partir da abordagem metodológica e dos resultados obtidos, a combinação de métodos, que vêm de perspectivas diferentes, e que podem ser complementares ou, inclusive, parecer antagônicas. Visamos explorar, assim, as opções metodológicas que combinam uma abordagem qualitativa com técnicas quantitativas, no intuito de conseguir a maior aplicabilidade descritiva possível e, desta forma, poder observar e explicar as maneiras como dialogam e se intersectam as dimensões de sexualidade, gênero, alimentação e saúde no coletivo de homens homoafetivos e homoeroticamente orientados que se autodenominam “ursos” na cidade de São Paulo, Brasil.

### **Nosso caso: “capturando” recursos descritivos, explicativos e interpretativos**

O presente trabalho, que procura discutir as relações entre diversas abordagens metodológicas, está inserido dentro de uma pesquisa maior intitulada “A barriga

erótica”, que é uma investigação qualitativa de cunho etnográfico do tipo exploratório-descriptiva-explicativa. Esta pesquisa relaciona várias dimensões dos sujeitos; a alimentar, o gênero, a sexualidade e a saúde. Neste sentido, e para Poulain e Proença (2003), os aspectos das práticas alimentares podem ser acessados por meio de quatro níveis: 1) práticas observadas, ou seja, os comportamentos alimentares realmente praticados pelos indivíduos (presencialmente ou por material audiovisual); 2) práticas objetivadas, que representam os comportamentos reais, não observados diretamente, mas acessados de maneira indireta (por exemplo, ao utilizar dados de vendas de alimentos para inferir o consumo alimentar); 3) práticas reconstruídas, que são, por exemplo, memórias revividas por meio de métodos de avaliação do consumo alimentar; e 4) práticas declaradas, que são descrições dos atos ou consumo alimentar de maneira espontânea; embora menos precisas, essas práticas permitem observar incoerências entre o declarado e o observado, trazendo luz aos paradoxos da prática alimentar. De fato, as práticas alimentares são entendidas como um conjunto de dados subjetivos e objetivos que permitem descrever o fenômeno alimentar. Assim, elas próprias são práticas sociais, “não podendo ser abordadas por uma única perspectiva disciplinar pois o significado do ato de comer, de nutrir, ultrapassa o mero ato biológico” (ROTENBERG e DE VARGAS, 2004, p. 86). Portanto, esta pesquisa tenta se apropriar dos quatro níveis descritos acima, com o intuito de entender as práticas alimentares dos ursos e de reconstruir reflexivamente seus universos atrelados ao gênero, à sexualidade e à saúde. Esta investigação considera as construções das sexualidades e dos gêneros dos sujeitos entrevistados como relacionais e contextuais ao ato alimentar considerando, ainda, a questão da saúde em diálogo com as dimensões antes mencionadas.

Foram entrevistados 35 participantes que se declaram homens, *gays* e ursos. Todos eles deviam ter mais de trinta (30) anos, a partir da data do início da pesquisa. A escolha da idade se baseou, em primeiro lugar, na referência que estabelece Lins França (2012) em relação à faixa etária dos frequentadores da festa “Ursound”, que se identificam como ursos e suas considerações em termos *êmicos* e, em segundo lugar, nas “observações livres” (PERLONGHER, 1999, p. 33), que sugerem que um urso precisa aparentar ou ter trinta ou mais anos de idade. Além disso, ser urso também tem a ver com adscrever à comunidade ursina por meio da apresentação de diferentes diacríticos, maneiras de se relacionar, lugares a frequentar e formas específicas de se alimentar.

Estabelecemos diversos lugares para realizar tanto as observações participantes como não participantes. O primeiro campo dessas observações esteve situado na cidade de São Paulo, no bairro da República, um dos núcleos geográficos de referência para essa população. O segundo campo é uma festa que ocorre geralmente uma vez por

mês denominada: “Festa Ursound”, orientada especificamente para o coletivo que se define como “urso”, mas também para seus “admiradores” e “curiosos”; estas últimas categorias nativas foram obtidas nas observações preliminares. O terceiro campo se situou nos churrascos organizados pelos ursos, nos quais se encontram tanto pessoas que adscrevem ao coletivo dos ursos, como, também, os seus “admiradores” e “curiosos”. Vemos como os ursos mobilizam em seus processos de socialização não somente pessoas que pertencem ao coletivo próprio, mas outras agregações que não necessariamente se identificam com eles.

Assim, e resumindo, utilizamos uma combinação dos seguintes métodos e técnicas qualitativas: observação participante, observação não participante e entrevistas.

A nossa pesquisa pensa a observação participante como uma ação baseada na interação social entre o pesquisador e os informantes com o intuito de recolher dados de uma maneira sistemática e pouco invasiva (TAYLOR e BOGADAN, 1986). Todavia, a observação não participante propõe o posicionamento do pesquisador a partir de um olhar mais distante tentando interferir, o menos possível, nas atividades cotidianas dos sujeitos (ACHILLI, 2005).

As entrevistas com os interlocutores foram definidas para esta pesquisa como “uma comunicação pessoal surgida com uma finalidade de informação” (MORIN, 1994, p. 46). Mais especificamente, foram utilizados dois tipos de entrevistas: a entrevista semiestruturada (ACHILLI, 2005), cujo enfoque recai sobre uma determinada temática que, nesta pesquisa, foi a própria relação entre sexualidade, gênero, alimentação e saúde, e a entrevista de história de vida (GUBER, 2016), que compreendeu conversas entre pesquisador e entrevistados, e que visou entender o contexto do universo significativo dos sujeitos, mantendo uma atenção flutuante como maneira de “ouvir” a própria lógica dessas pessoas.

As entrevistas foram conduzidas em duas visitas: na primeira, tentamos entender o olhar do entrevistado e compreender seu universo simbólico (história de vida); na segunda, nos concentramos nos assuntos diretamente relacionados com a temática específica da nossa pesquisa (entrevista semiestruturada). As entrevistas, no entanto, foram, às vezes, modeladas sob distintas dinâmicas, mais ou menos formais, segundo a possibilidade de abertura do entrevistado a novas questões e também de acordo com o interesse na participação da pesquisa, expressada na relação situacional e contextual entrevistador-entrevistado.

Também aplicamos instrumentos fechados de avaliação alimentar e nutricional, com questões pré-estabelecidas para complementar os dois tipos de entrevistas mencionados.

Questionamos os sujeitos quanto ao seu peso corporal e a sua altura. Com esses dados, calculamos o índice de massa corporal (IMC) de cada um. Compreendemos o

viés que a coleta dos dados de peso e altura obtidos a partir do relato dos participantes possa ter, mas, ainda assim, optamos por utilizar os dados relatados para o cálculo do IMC, com o intuito de ressaltar a autopercepção corporal dos entrevistados.

Com o propósito de se ter mais um parâmetro para a discussão do nosso problema de pesquisa, aferimos a circunferência da cintura, por meio de uma fita métrica inextensível, no menor diâmetro abdominal do participante (WANG, BRONWELL e WADDEN, 2004). Os valores superiores a 102 cm podem indicar maior risco para doenças crônicas não transmissíveis para homens (LEAN et al., 1998). Observamos a proporção de sujeitos com circunferências acima desse ponto de corte, que resultou na totalidade dos entrevistados.

Investigamos o consumo alimentar por meio de um questionário de frequência alimentar por grupos de alimentos, com especial atenção ao processamento dos alimentos (RIBEIRO, SÁVIO, RODRIGUES, COSTA e SCHMITZ 2006; BRASIL, 2014). Ele indaga se determinado grupo de alimentos foi consumido no último mês e, em caso afirmativo, qual foi a frequência por dia, semana ou mês. Subsequentemente é questionado o tamanho da porção ingerida.

Outro instrumento para conhecer melhor o universo dos ursos, no sentido da sua qualidade de vida (QV), foi a aplicação do teste WHOQL-ABREVIADO (FLECK, LOUZADA, XAVIER, CHACHAMOVICH, VIEIRA, SANTOS e PINZON, 2000) em português. A QV é definida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de sua cultura e no sistema de valores em que vive, em relação às expectativas, aos padrões e às preocupações, de acordo com o World Health Organization Quality of Life Group (FLECK, LOUZADA, XAVIER, CHACHAMOVICH, VIEIRA, SANTOS e PINZON 2000; BARBOSA SILVA, SOARES, GUIMARAES SANTOS e BARBOSA SILVA, 2014).

Com o objetivo de investigar a história de comportamento e as crenças referentes a uma possível articulação entre gênero, sexualidade, alimentação e saúde e a forma como os entrevistados compreendem e desenvolvem suas práticas e representações sobre essas temáticas, foram construídas suas narrativas de histórias de vida a partir dos dados coletados nas entrevistas. Todas essas narrativas, que se cristalizaram em entrevistas de histórias de vida e semiestruturadas, foram transcritas minuciosamente, considerando exclamações e, especialmente, silêncios e omissões perante a determinadas perguntas. Além disso, foram observadas as gestualidades (comportamento não verbal) em campo, sendo anotadas se a ocasião assim permitia. Esses procedimentos visaram garantir “validade e confiança e critérios qualitativos de rigor metodológico” (FARIAS e MONTERO, 2005, p. 23). Os dados das narrativas e das observações foram analisados

considerando aqueles elementos comuns que se apresentam nos discursos dos sujeitos. A partir dos enfoques teóricos e dos objetivos da pesquisa, foram selecionadas algumas categorias ou proposições gerais para a análise; por exemplo, a relação dos sujeitos com uma identidade específica, a percepção do corpo e o consumo alimentar.

Também em relação às entrevistas foram feitas fichas com resumos descritivos que explicitaram o que aconteceu nas situações de campo, estabelecendo a relação destes acontecimentos com os objetivos propostos, considerando caso por caso. Esses achados foram incorporados em diálogo ativo com as anotações das observações participantes e não participantes. Após a ordenação dos dados qualitativos, que permitiram gerar sentidos tanto descritivos como explicativos, estes foram colocados em diálogo com os dados quantitativos antes mencionados, construindo um *corpus* dialético no intuito de cumprir os objetivos do estudo. Para isso, implementamos o método de espiral (BORRÁS, LÓPEZ e LOZARES COLINA, 1999), que se baseia em separar o objeto de estudo em diferentes planos (contexto, interações e dimensões qualitativas e quantitativas) para vincular as dimensões numa primeira fase e, então, continuar de maneira circular e consecutiva o intercâmbio entre essas dimensões até resolver as exigências dos objetivos, considerando sempre os resultados parciais precedentes. Assim, os dados quantitativos e qualitativos interagem, retroalimentando-se, com o intuito de descobrir o como e o porquê do problema apresentado.

A partir desta descrição, e em relação às características dos dados, realizamos uma análise crítica a partir dos diversos materiais recolhidos fazendo-os interagir por meio de esquemas de fluxo ou fluxogramas (ENSMENGER, 2016) e quadros sinópticos, relacionando os elementos qualitativos e os quantitativos. O objetivo deste procedimento foi o de avaliar até que ponto um diálogo entre dados qualitativos e quantitativos é possível no sentido de estruturar uma lógica explicativa perante um determinado problema. Nesse sentido, tentamos dialogar com aqueles dados das entrevistas e das observações como o resultado das aferições e os questionários de consumo alimentar. Uma das manifestações mais evidentes das possibilidades descritivas e interpretativas que esse diálogo traz é a relação dos resultados do questionário de frequência alimentar e o IMC dos interlocutores com as narrativas sobre a sua alimentação diária e a própria percepção dos processos de socialização no sentido do pertencimento a um determinado coletivo, articulação que observaremos a continuação.

## Breves resultados da pesquisa principal

Por um lado, a nossa pesquisa apresentou uma série de resultados que se relacionam com seus próprios objetivos. Por outro, importantes considerações apareceram a partir de uma proposta metodológica que considerava uma aproximação qualitativa com técnicas mistas, tanto qualitativas como quantitativas, baseado no que denominamos como um enfoque metodologicamente híbrido. Acreditamos necessário apresentar os resultados gerais da pesquisa principal no intuito de esclarecer, na discussão que segue, a tensão gerada ao fazer dialogar com métodos e técnicas heterogêneas.

No que diz respeito à população entrevistada, se percebe por meio dos dados desta pesquisa que os ursos conformam uma comunidade na qual a autoadscrição e a adscrição de e pelos outros constrói um coletivo com características específicas. Uma delas, além de apresentar um tipo de corpo e um comportamento “masculino”, é um tipo específico de práticas alimentares. Ainda, o estado de saúde autopercebido pelos nossos participantes indica uma preocupação com o bem-estar verbalizada pelas doenças que, no futuro, e segundo os próprios interlocutores, podem aparecer se mantiverem um peso acima do recomendado pelos profissionais da saúde com os quais eles interagem. A periodicidade dos exames de saúde aparece como um elemento relevante, já que a maioria dos participantes da pesquisa faz pelo menos um exame de sangue por ano. No entanto, parece não haver uma relação entre esses exames e as decisões concretas no sentido de alterar, ou não, as práticas alimentares. Elias esclarece esse posicionamento ao comentar: “Embora eu faça (exames médicos) a cada ano, só vou comer saudável... como um velho... quando chegar lá, tipo oitenta anos, sei lá...”.

O “corpo gordo”<sup>1</sup> ou “forte” é percebido como um assunto que, em vários entrevistados, provoca problemas de saúde, alguns deles sérios como lesões na coluna, problemas nas articulações e alterações nos resultados de exames laboratoriais. A noção do próprio peso corporal e de como essa variável afeta o cotidiano dos sujeitos está presente na totalidade das entrevistas. Nesse sentido, e como dado quantitativo crucial para a própria população, foi importante questionar sobre esse dado, já que era trazido às interações em forma constante. É importante pensar que esse indicador parece ser

---

1 “Corpo gordo” e “gordura”, assim como outras, são categorias nativas presentes tanto nas nossas entrevistas quanto nas observações preliminares entre ursos. Embora as ciências médicas utilizem “obesidade” como denominador comum para designar um IMC elevado, os sujeitos das pesquisas mencionadas utilizam esse termo com pouca frequência empregando a palavra “gordo”, “forte”, entre outras, como descritor do próprio corpo. Assim, nesta pesquisa a ideia de “corpo gordo”, entre outras possibilidades, se concebe como uma categoriaêmica e válida para atingir os objetivos propostos. Ademais, a possível tensão entre categorias “científicas” e “nativas” pode ser útil para explicar conflitos e acordos entre diferentes grupos (como pacientes e profissionais) no campo da saúde.



vivido como um elemento identitário que perpassa a ideia numérica ordinal para se converter num rasgo diacrítico, no sentido de sujeitar o indivíduo a certas características que se relacionam com uma maneira de ser para os outros. Portanto, o peso está atrelado às práticas alimentares e o consumo alimentar que, em todas as entrevistas, têm um denominador comum explicitado pelos participantes: a abundância. Essa abundância, no entanto, não tem necessariamente a ver com a cotidianidade. Ela se manifesta nas ocasiões em que a comensalidade entre pares acontece. E essa abundância é mensurável quantitativamente, inclusive sob uma perspectiva *emic*, e articula as práticas de sociabilidade em diversos momentos da vida relacional dos ursos: “Cada vez que vou para (a) feijoada dos ursos penso no meu peso... lembro do IMC (Índice de Massa Corporal), de quantas gramas a nutri (nutricionista) me falou que posso comer..., e acho que estou ferrado”, comenta Isaias, ao lembrar os encontros de ursos dedicados ao consumo da feijoada, que acontecem geralmente aos sábados.

Assim, a nossa proposta é que, por meio das entrevistas e as observações em diálogo com outras ferramentas como o peso e o questionário de consumo alimentar, aparecem trechos vitais que, além de demonstrar o pertencimento ativo ao grupo dos ursos ligam as abordagens metodológicas em ação. Neste sentido, é crucial analisar, ademais do consumo cotidiano do grupo de intervenção, os eventos onde a sociabilidade ursina se manifesta e se reproduz.

Esses espaços de sociabilidade, geralmente, são acontecimentos onde o ato do comer é central como condição de pertencimento e constituem – para nossa pesquisa – o que denominamos banquetes luculianos ou magníficos. Utilizaremos banquete sob um olhar platônico, pensando no seu texto “O Banquete” (PLATÃO, 2004) no sentido de “festim” ou “grande jantar ou almoço” em que se reúnem um grupo de amigos, conhecidos – ou convidados que não necessariamente se conhecem – para compartilhar e consumir alimentos, incorporando-os através dessas práticas à própria sociabilidade. Nesses espaços interagem todas as abordagens técnico-metodológicas da pesquisa – qualitativas e quantitativas – oferecendo uma oportunidade significativa em termos descritivos e explicativos, além de interpretativos. Assim, entendemos que o diálogo entre o questionário de consumo alimentar, a aferição do peso e medida de cintura, e as entrevistas semiestruturadas e de histórias de vida junto às observações participantes, incluso outros métodos de colheita de dados antes mencionados, são concomitantes e não mutuamente excludentes para entender com mais rigor a lógica alimentar de

um determinado coletivo, situado em um determinado contexto e em um momento sociohistórico específico.

Para nossa pesquisa, e pensando no coletivo dos ursos, essa é uma forma plausível de compreender as maneiras em que a alimentação dialoga com a sexualidade, o gênero e a saúde.

É importante destacar que não se pretendem justificar os dados qualitativos por meio dos quantitativos, ou vice-versa, no sentido de utilizar os dados do questionário de consumo alimentar como verdades estatísticas “puras” ou os dados etnográficos e das entrevistas como elementos independentes de outros olhares. Se pretende usá-los articulados no intuito de construir um diálogo entre uma e outra maneira de conhecer, descrever e explicar os problemas que tencionam esta pesquisa. Por essa razão detalhamos na seção anterior os passos para tentar alcançar este objetivo.

### **Algumas reflexões com relação aos resultados**

Para que estes resultados pudessem ser lidos sob uma perspectiva articulada, foi necessário considerar uma abordagem metodológica que dialogasse, a partir de uma perspectiva qualitativa, com técnicas quantitativas, no intuito de conseguir interpretar os dados de uma maneira eficaz, como veremos na continuação.

Uma perspectiva que denominamos previamente sob o adjetivo de “híbrida”, em termos metodológicos, foi construída a partir da proposta inicial. Em relação ao vocábulo “híbrido”, somos conscientes que poderíamos nos-referir a aproximações qualitativas e quantitativas como mistas, seguindo, por exemplo, uma denominação mais clássica à maneira de Creswell e Creswell, (2017). Todavia, preferimos híbridas por duas razões: primeiro – o obvio –, porque híbrido, como misto, remete a algo que está composto por elementos diferentes e, segundo, porque, sob a nossa proposta, se híbrida é a metodologia, híbrida será a interface descrição/interpretação no sentido de fazer interagir nela os resultados das aproximações metodológicas utilizadas. Essa é a tensão que pretendemos.

Assim, observamos que seria pouco adequado que a nossa pesquisa se fixasse somente em técnicas qualitativas já que, embora seja crucial estabelecer um diálogo com os sujeitos a partir das suas histórias de vida e entrevistas semiestruturadas – entre outras aproximações –, os dados quantitativos acrescentariam ao cenário descritivo alguns elementos de relevância para tentar obter uma perspectiva abrangente. Ao integrar dialogicamente os dados qualitativos com os quantitativos por meio de quadros sinópticos e fluxogramas relacionais, o panorama da pesquisa se nutriu de ambas perspectivas,

enriquecendo o problema apresentado na investigação assim como provocando novas perguntas. Nesse sentido, tanto a explicação causal como a compreensão estrutural são os focos de interesse das abordagens quantitativas e qualitativas. Ambos podem ser capazes de dialogar considerando as suas diferenças.

Essa articulação entre informações qualitativas e quantitativas requer, a nosso ver, uma vigilância epistemológica constante no sentido de fazê-las operar harmonicamente com o objetivo de validar ou não a(s) hipótese(s) da pesquisa. Assim, por exemplo, a circunferência de cintura ou o IMC catalisaram as entrevistas de histórias de vida entendendo, no nosso caso, que aqueles dados numéricos são produtos de processos históricos vividos pelo sujeito cujo corpo é atravessado por relações sociais, econômicas e políticas, entre outras.

Ao aferir a circunferência de cintura de Paulo, ele começou a relacionar essa medida com diferentes momentos da sua vida e com a quantidade de consumo de comida. Lembrou de diversos momentos onde a sua “barriga” tinha sido criticada e estigmatizada e, a partir de um dado quantitativo, construiu uma narrativa socioalimentar<sup>2</sup> significativa para entender diferentes momentos de própria sociabilidade: “Eu sempre fui grande, e gay, e guloso, – também no sexo (risadas) –, e jamais tinha percebido que as pessoas me representavam através de um numero, ai eu penso que sou peso mas também sou pessoa, e ai ou perguntam meu peso ou perguntam se me sinto bem... eu sou tudo isso junto”.

Desta maneira associamos dialogicamente as dimensões qualitativas e quantitativas conseguindo resultados com maior rigor explicativo e densidade. Em um outro exemplo, um dado quantitativo, como o peso autorreferido do sujeito entrevistado, só fez sentido em articulação com, por exemplo, a infância desse mesmo sujeito; e ainda a outras infâncias contextual e historicamente próximas do universo dos sujeitos presentes nesta pesquisa. Ao analisar as entrevistas e os dados do IMC do Daniel, acompanhá-lo em diferentes eventos e questionar seu consumo alimentar, percebemos que foi durante o processo de socialização na infância que ele se começou a representar como “gordo” e “viado”: “O peso sempre estava lá, na balança do banheiro, posso dizer que peso tinha a cada ano (de quando era criança), ainda tinha trejeitos femininos, ia fazer o que?... suicídio? (risadas)”.

Da mesma maneira, um dado qualitativo, como as evocações nas entrevistas dos churrascos comunitários que os ursos organizam – que antes mencionamos como

---

<sup>2</sup> Denominamos “narrativa socioalimentar” aos processos através dos quais os interlocutores lembram, relatam e explicam as próprias dinâmicas alimentares e nutricionais à luz das experiências na sociabilidade construídas ao longo do tempo e do espaço.

banquetes luculianos –, junto com a nossa observação participante e não participante dos mesmos (e que, segundo eles, se relacionam diretamente com a representação da própria masculinidade ursina), não parece ser tão eficaz, interpretativamente, se não se articula com os resultados expressados nos índices obtidos por meio do questionário WHOQL-ABREVIADO (FLECK, LOUZADA, XAVIER, CHACHAMOVICH, VIEIRA, SANTOS e PINZON, 2000). Nesse instrumento, observa-se que o que mais influencia a qualidade de vida (QV) da população é o Domínio Relações Sociais. As perguntas presentes neste domínio, como o grau de satisfação com as relações pessoais com parentes, colegas e conhecidos e, especificamente, ao que tange a relação com amigos, alcançaram uma grande relevância numérica. Esses dados condizem com os relatos das entrevistas e com a conclusão de que o grupo mais imediato de relações por afinidade dos sujeitos é crítico para conseguir uma socialização bem-sucedida.

Esta socialização está fortemente atrelada à comensalidade como espaço quase imprescindível de construção de relações afetivas. Essa comensalidade se expressa nitidamente nos churrascos já mencionados, dado vital para entender a forma de organizar a comensalidade deste grupo e que não estaria presente sem um registro etnográfico adequado. De fato, o domínio físico, por sua vez, é o que menos tem influência na QV dos sujeitos, corroborando nossa interpretação de que o peso corporal ou as condições de saúde como referências em si, no sentido de dados biomédicos naturalizados, fazem pouco sentido para esse coletivo.

As palavras de Nestor exemplificam o resultado do WHOQL-ABREVIADO e resumem um sentimento que se apresenta na maioria dos interlocutores: “Sem a minha rede de amigos (todos ursos) estaria sozinho no mundo... a minha família não curte gays”.

### **Uma briga recreativa**

Bosi, Prado, Machado e Carvalho (2011) resumem as disputas e os enfrentamentos – as vezes inflexíveis – entre aqueles pesquisadores que defendem os enfoques qualitativos e aqueles que preconizam os quantitativos.

Parece haver para alguns uma linha divisória invisível, porém simbolicamente poderosa, entre estas duas aproximações. O interessante da perspectiva das autoras, posição teórico-metodológica que compartilhamos, é que ambas aproximações não se excluem entre si. Se, como as pesquisadoras colocam, “os indivíduos interpretam o mundo e constroem significados” (BOSI, PRADO, MACHADO e CARVALHO, 2011, p. 1290), os alimentos e as práticas alimentares não podem se apresentar como desprovidos dos significados atribuídos a esses mesmos alimentos e práticas, assim como às

trajetórias de sociabilização a eles associados. Metodologicamente, esta ideia guiou a elaboração dos roteiros da entrevista modelo, assim como as observações participantes e não participantes, além das análises dos dados obtidos, tanto qualitativa como quantitativamente, em diferentes âmbitos de socialização do grupo dos ursos. Renato, constrói a sua “barriga corpulenta” a partir de dimensões qualitativas e quantitativas. Segundo ele próprio, esse “volume” possui uma circunferência de cintura e um peso (que pode ser, e em muitas oportunidades é comparado com outras circunferências e pesos de pessoas do mesmo grupo), está atrelada a um determinado consumo alimentar (que nas reuniões de ursos e quantificada pelos mesmos participantes), transmite uma boa qualidade de vida e representa, simbolicamente, o pertencimento a um determinado coletivo relatado através de entrevistas e observações.

Nesta lógica surge a ideia de etnografia no sentido de Guber (2016), que destaca a tríplice acepção da etnografia: como enfoque, como método e como texto, pensando os fenômenos sob a perspectiva dos atores que os acionam; e, de fato, os atores pensam tanto qualitativamente como quantitativamente: por que ignorá-los? Ainda, para a autora, a etnografia se constitui como um método aberto de pesquisa, sendo uma área na qual cabem diversas técnicas, como os diversos tipos de entrevistas, e as enquetes e as técnicas não diretivas, entre outras. Assim, não somente um enfoque qualitativo comporta diversas técnicas – inclusive quantitativas – mas também o mesmo trabalho etnográfico pode se ver beneficiado com técnicas diversas. Desta maneira, a etnografia é “o conjunto de atividades que geralmente se definem como trabalho de campo e cujo resultado se utiliza como evidência para a descrição” (GUBER, 2016, p. 19). A etnografia não deixa de ser um percurso que vai do desconhecimento ao reconhecimento para, só depois, alcançar o conhecimento.

É a partir dessa ideia que a produção de dados no nosso campo abrangeu múltiplas técnicas no intuito de descrever esse universo desconhecido para, depois, conseguir explicar as lógicas próprias que relacionam alimentação, saúde, sexualidade e gênero. Sob essa guia implementamos, como já mencionamos, um questionário de frequência de consumo alimentar. Nesse caso, por exemplo, foi crucial trabalhar com os textos de Bosi, Prado, Machado e Carvalho (2011) e Fisberg, Lobo Marchioni e Almada Colucci (2009) para afinar nosso enfoque no momento de fazer as entrevistas e as observações participantes em festas nas quais o consumo – abundante – de alimentos (ou a sua sub-notificação nas entrevistas) não somente descrevia, como também explicava, atitudes e pertencimentos. Esses trabalhos valorizam, tanto na prática clínica como na etnográfica, os enfoques qualitativos, sem menosprezar, e sim integrando, outros enfoques possíveis, como o quantitativo. De fato, o diálogo entre os resultados de consumo alimentar, das

histórias de vida e das entrevistas semiestruturadas foram cruciais para construir o *corpus* explicativo da presente pesquisa.

Como vemos, realizamos nesta investigação, em termos metodológicos, uma combinação de técnicas tanto qualitativas como quantitativas, embora tendo a abordagem qualitativa como principal norteadora do estudo.

Quando concordamos em utilizar uma perspectiva híbrida, não está na nossa ideia uma pretensão de objetividade e de precisão cirúrgica em relação ao dado, mas sim pensá-la como um produto articulado qualitativamente e quantitativamente para poder explicar o fenômeno problematizado. Nesse sentido, a articulação é representada como uma conexão que pode chegar a unir elementos do campo de uma maneira relacional, sem necessariamente fixá-los em uma ordem hierárquica. Não seria assim mais valioso um dado quantitativo que uno qualitativo. Todos eles, vindos do mundo real, flexível e imprevisível, funcionam com o mesmo peso de verdade no intuito de conseguir chegar aos objetivos propostos.

Neste sentido parece ser peremptório, ao realizar uma pesquisa com atravessamentos e diálogos entre diferentes dimensões como a sexualidade, o gênero e a alimentação sob a perspectiva da saúde, considerar criticamente os enquadres metodológicos com o intuito de não ficarmos limitados a técnicas e métodos que simplifiquem o campo problematizado.

Assim, esta reflexão se mostra relevante porque problematiza metodologicamente as aproximações que se limitam a uma perspectiva, seja ela qualitativa ou quantitativa. Tenta também chamar a atenção de pesquisadores e profissionais da saúde (e também das Ciências Humanas e Sociais) em relação às tensões possíveis entre abordagens aparentemente excludentes. Aproximações híbridas podem não somente lograr uma maior quantidade de informação, senão também fazer que estas informações desdobrem com maior densidade uma determinada problemática. Nesse sentido, a nossa proposta quer, mais do que nada, provocar a reflexão, assim como mostrar a complexidade nas pesquisas que atravessam diferentes dimensões e procuram a visibilidade de grupos minoritários.

Finalmente, é importante salientar que nesta pesquisa, a interlocução entre profissionais de diversas áreas, no caso a antropologia e a nutrição, atçou a discussão interdisciplinar que precisou encontrar um caminho eficaz para construir a investigação, obter os dados, extrai-los e organizá-los de maneira coerente. A contrassenso, utilizamos a ideia de incerteza como eixo epistemológico norteador. Nessa perspectiva, pensamos a abordagem híbrida não somente como uma forma de organização metodológica, mas

também como uma maneira criativa de delinear um caminho cujo objetivo é apreender as experiências concretas de um determinado coletivo.

### **Considerações finais**

A pesquisa, de maneira geral, mostrou que um determinado tipo de corpo, certas práticas alimentares e uma adscrição a um grupo específico, entre outros aspectos, constituem um coletivo que decidimos apresentar de forma simplificada por questões de espaço. Ser “urso” aparece como um devir que advém de um processo social, que pode ou não estar naturalizado, e que coloca o sujeito – muitas vezes – em um lugar de rejeição, para depois situá-lo em um espaço de aceitação. A relação entre os processos de saúde/doença/cuidado presentes neste devir é relevante para entender esta lógica na construção identitária da comunidade.

Com tanta importância quanto as articulações entre as dimensões propostas (alimentação, saúde, gênero e sexualidade), este trabalho explorou a versatilidade das abordagens por nós denominadas híbridas para conseguir obter a maior riqueza, assim como as múltiplas facetas nos dados considerados relevantes. Neste sentido, uma abordagem qualitativa não elimina, *per se*, a utilização de técnicas quantitativas e, muito menos, a possibilidade de diálogo entre elas. Isso se torna evidente ao combinar as entrevistas de histórias de vida e semiestruturadas com dados obtidos a partir, por exemplo, do peso dos sujeitos ou da circunferência de cintura. Embora muitas pesquisas analisem separadamente estes aspectos, achamos interessante uma aproximação epistemologicamente crítica.

### **Aspectos éticos e financiamento**

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo (Parecer Número 1.384.866). Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob o processo número 2015/12235-8 e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob o processo 309514/2018-5.

### **Referências bibliográficas**

ACHILLI, Elena. *Investigar en antropología social. Los desafíos de transmitir un oficio*. Rosario: Laborde Editor, 2005.

BARBOSA SILVA Patrícia; SOARES Sonia; GUIMARAES SANTOS Joseph; BARBOSA

SILVA, Lílíam. Ponto de corte para o WHOQOL-bref como preditor de qualidade de vida de idosos. *Revista de Saúde Pública*, 48(3), 2014, p. 390-397. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/LDJWQztzfbFFz6JjdV4RJTnn/?format=pdf&lang=pt>.

BORRÁS, Vincent; LÓPEZ, Pedro; LOZARES COLINA, Carlos. La articulación entre lo cuantitativo y lo cualitativo: de las grandes encuestas a la recogida de datos intensiva. *Revista Questió*, 23(3), 1999, p. 525-541. Disponível em: <https://upcommons.upc.edu/handle/2099/4119>.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães; PRADO, Shirley Donizete; Lindsay, Ana Cristina; MACHADO, Márcia Maria Tavares, CARVALHO, Maria Cláudia Veiga Soares. O enfoque qualitativo na avaliação do consumo alimentar: fundamentos, aplicações e considerações operacionais. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 21(4), 2011, p. 1287-1296. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400838235007>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Guia alimentar para a população brasileira*. 2ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p.

CRESWELL, John; CRESWELL, David. *Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approach*. New York: Sage-USA, 2017.

DE MEY, Paul. "French bear asks: are bears an American thing?" In: WRIGHT, L. (Org.). *The bear book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture*. New York: Harrington Park Press; 1997, pp. 261-268.

DOMINGOS, Joao. *O discurso dos ursos. Outros modos de ser da homoafetividade*. João Pessoa: Marca de fantasia, 2010.

ENSMENGER, Nathan. The multiple meanings of a flowchart. *Information & Culture: A Journal of History*, 51(3), 2016, p. 321-351. Disponível em: <https://homes.luddy.indiana.edu/nensmeng/files/Ensmenger2016.pdf>.

FARÍAS, Levy, MONTERO, Maritza. De la transcripción y otros aspectos artesanales de la investigación cualitativa. *International Journal of Qualitative Methods*, 4(1), 2005, p. 12-19. Disponível em: [https://sites.ualberta.ca/~iiqm/backissues/4\\_1/pdf/fariasmontero.pdf](https://sites.ualberta.ca/~iiqm/backissues/4_1/pdf/fariasmontero.pdf).

FISBERG, Regina Mara; LOBO MARCHIONI, Dirce Maria; ALMADA COLUCCI, Ana Carolina. Avaliação do consumo alimentar e da ingestão de nutrientes na prática clínica. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabolismo*, 53(5), 2009, p. 617-624. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abem/a/y96PnbFww5kJDSfdYfpDsQj/?lang=pt>.

FLECK, Marcelo; LOUZADA, Sergio; XAVIER, Marta; CHACHAMOVICH, Eduardo; VIEIRA, Guilherme; SANTOS, Lyssandra; PINZON, Vanessa. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref". *Rev. Saúde Pública*, 34(2), 2000, p. 178-183. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/JVdm5QNjj4xHsRzMf6F7trN/?format=pdf&lang=pt>.

GUBER, Roxana. *La etnografía. Método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

GUTIERREZ MARMOLEJO, Javier. *Masculinidad, cuerpo e identidad entre varones gay del Club de Osos Mexicanos*. Ciudad de México. Tesis de Grado. Escuela Nacional de Antropología e Historia, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2004.

LEAN, Michael; HAN, Tom; SEIDELL John. Impairment of health and quality of life in people with large waist circumference. *Lancet*, 351, 1998, p. 853-856. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9525361/>.

LIARTE TILOCA Agustín. "De osos y cazadores... (y otros animales). Tensiones entre contextos de surgimento de la categoría 'oso'". In: ANALIA, Castro Esna (Org.) *Entre pasados y presentes IV. Estudios contemporáneos en ciencias antropológicas*. Editorial: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 2014, pp. 133-148.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ; 2012.



MANLEY Eric, LEVITT Heidi, MOSHER MCOUN Chad. Understanding the bear movement in gay male culture. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 2008, p. 89-112. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18689193/#:~:text=Results%20suggest%20that%20men%20who,self%20Desteem%20and%20body%20image>.

MAZZEI, George. Who's who in the zoo? A glossary of gay animals. *The Advocate*, 42, 1979, pp. 42-43.

McCANN, Thomas. Atlantic crossing: the development of the eurobear. In LOPES, D.; BENTO, B., ABOUD, S.; GARCIA, W. (Orgs.) *Imagem e diversidade sexual. Estudos de homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004, pp. 136-149.

MORIN, Edgard. *Sociología*. Buenos Aires: Tecnos; 1994.

PERLONGHER, Nestor. *El negocio del deseo. La prostitución masculina en San Pablo*. Buenos Aires: Paidós; 1999.

PLATÓN. El banquete. *Introducción, traducción y notas de Victoria Juliá*. Buenos Aires: Losada. 2004.

POULAIN, Jean-Pierre; PACHECO DA COSTA PROENÇA, Rossana. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Revista Nutrição*, 16(3), 2003, p. 245-256. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/vWntG65Sm4HTrycGpBzhvf/?format=pdf&lang=pt>.

RIBEIRO, Aída Calvão; SÁVIO, Karin Eleonora Oliveira; RODRIGUES, Maria Lourdes Carlos; COSTA, Teresa Macedo; SCHMITZ, Bethsaída de Abreu Soares. Validação de um questionário de frequência de consumo alimentar para população adulta. *Revista Nutrição*, 9(5), 2006, p. 553-562. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/gbMCTkzHTF5J48RJVNbB87J/?format=pdf&lang=pt>.

RIOS, Luís Felipe. "Paizões", "filhotes" e a "simbiose do amor": regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos "ursos" no Recife (Brasil). *Etnográfica*, 22(2), 2018, p. 281-302. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/5347>.

ROTEMBERG, Sheila; DE VARGAS, Sonia. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. *Revista Brasileira de Saúde Maternal Infantil*, 4(1), 2004, p. 85-94. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/N6QJK6M9SVbYCXqGyTBfbYg/?format=pdf&lang=pt>.

DOS SANTOS, Daniel; COELHO DE SOUZA LAGO, Mara. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, 15, 2003, p. 113-147. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/YbFqtGYRc3QpqKJFsczLdfG/?format=pdf&lang=pt>.

SAEZ, Javier. *Excesos de la masculinidad: la cultura leather y la cultura de los osos. Teoría queer y psicoanálisis*. Madrid: Síntesis; 2003.

SURESHA, Roy. *Bears on Bears*. Birmingham: Naworth Press, 2002.

TAYLOR, Steven J.; BOGADAN, Robert. *Introducción a los métodos cuantitativos de investigación*. Buenos Aires: Paidós, 1986.

WANG, S; BRONWELL, K; WADDEN, T. The influence of the stigma of obesity on Overweight individuals. *International Journal of Obesity*, 28(10), 2004, p. 1333-1337. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/0802730>.

WRIGHT, Les (Org). *The bear book I: readings in the history and evolution of a gay male subculture*. New York: Harrington Park Press; 1997.